

A FESTA BARROCA: MEDIAÇÃO RITUAL NAS MINAS GERAIS

Profa. Dra. Claudia M. Braga
Universidade Federal de São João del-Rei

Como colônia portuguesa até o início o século XIX, grande produtor de ouro e diamantes durante os séculos XVII e XVIII, o Brasil foi palco privilegiado da influência do pensamento missionário jesuítico, a partir do qual a evangelização se dava, entre outras formas, pela representação espetacular, entre festas e rituais, do poder temporal da igreja, aliado à magnificência da metrópole.

Nesse contexto, entre os diversos territórios do país, a região das Minas Gerais, na qual se destacavam no período colonial as cidades de Vila Rica, principal produtora de metais preciosos, e São João del-Rei, centro de comércio desta produção, foi o alvo para onde se voltaram as preocupações dos poderes temporais e espirituais.

A preocupação de estabelecimento e manutenção de ambos os poderes naquela região traduziram-se, sobremaneira, pelo aparato de suas festas, nas quais a religião, intimamente ligada ao poder temporal, era vivenciada como espetáculo e buscava o despertar para a fé através da sensibilização dos sentidos.

Com sua arquitetura, onde o pensamento barroco se projeta em características que se tornaram exclusivas da colônia, as cidades de Vila Rica e São João del Rei foram um cenário ideal para os festejos que contavam, além disso com a participação de praticamente toda a comunidade, como pode ser observado num comentário da época sobre o desfile do *Triunfo Eucarístico* realizado em Vila Rica, no ano de 1733: “*Não há lembrança, que visse o Brasil, nem consta, que se fizesse na América acto de mayor grandeza, sendo tantos, e tão magníficos os que no espaço de duzentos annos, com admiração do mundo todo tem executado seus generosos habitantes*” (Apud. TINHORÃO: 2000, p. 109).

Nesse sentido, o fato de a colonização das Minas Gerais consolidar-se já no século XVIII absolutamente não elimina a disposição barroca de sua ideologia, sobretudo se se considerar o barroco, não como um estilo de época, mas como uma forma de pensar o mundo tipicamente ibérica, aprofundada pela Contra-Reforma católica, que vai caracterizar intrinsecamente, não apenas a formação cultural desta península europeia, mas estender-se por toda a América por ela colonizada.

Na ibero-américa, contudo, esta forma de pensamento não será, como na Europa, uma afirmação de tradições seculares, mas uma solução de compreensão daquele universo particular, onde se encontravam raças e culturas inteiramente diferenciadas e, no dizer de Rubem Barboza Filho, em seu brilhante *Tradição e artifício*, “obrigadas a liquidar a coerência de seus significados metafísicos para conviverem e sobreviverem numa imensidão hostil” (BARBOZA FILHO: 2000, p. 15).

Grande responsável pela expansão do catolicismo, assolado pelas reformas protestantes em toda a Europa ocidental, a península Ibérica viverá em suas conquistas americanas o paradoxo da imposição do poder terreno, aliado à necessidade de divulgação da fé cristã católica. Esta dupla função determinará a junção de ambos os poderes em todas as manifestações provindas de seu ímpeto colonizador. Como herdeira imediata da construção social ibérica, a sociedade brasileira apresentará as mesmas dificuldades e desigualdades daquela que lhe deu origem, desigualdade esta aqui agravada por desordenado processo migratório e intensa importação de africanos para o trabalho escravo, o que tornava a comunidade ibero-americana imensamente mais diversificada e paradoxal do que seu modelo, imposto na colonização. Neste contexto, o barroco, ainda segundo Barbosa Filho, “o barroco refletirá esta fratura social, esta cisão entre a fé que a todos

envolvia e a crueldade de uma organização social cada vez mais desigual e fechada” (Idem, p. 91).

O espetáculo na construção da sociedade mineira

A colonização do Brasil deu-se, desde o início do século XVI, sob a égide de duas das mais poderosas formas de indução comportamental da sociedade ocidental: o teatro e a religião. Com efeito, junto aos primeiros colonizadores leigos foram enviados, também, os jesuítas, que consigo trouxeram, além da própria religiosidade, a tradição dos autos bíblicos, que utilizavam o teatro como arma de persuasão. Já então, aqui, como nas metrópoles ibéricas da Europa, “*a representação dramática também extravasava das igrejas e dos recintos fechados para as ruas*” (SANT’ANNA: 2000, p. 167). Esta dramatização da religiosidade caracterizará a *praxis* religiosa da colônia até sua independência e deixará marcas profundas na construção de sua sociedade, sobretudo na região das Minas Gerais, principal palco das manifestações daquele poder religioso durante o século XVIII.

Como afirma Affonso Ávila, “*a introdução no Brasil da festa institucionalizada deu-se, ao que se pode presumir, contemporaneamente à formação dos primitivos núcleos de feição urbana*” (ÁVILA: 1994, p. 147). Devido ao extrativismo de metais e pedras nas Minas, causador de um intenso, apesar de desorganizado, processo de povoamento e urbanização é, entretanto, especificamente nas Minas Gerais que se afirmará de forma plena o “projeto social da festa” enquanto expressão máxima, tanto da religiosidade, quanto do poder temporal da metrópole. Ainda segundo Ávila,

(...) o dispositivo festivo da sociedade mineradora era elástico e abrangente, não se limitando às comemorações e celebrações de regozijo público ou concernentes ao calendário da igreja. As populações das vilas coloniais mineiras, afeitas a um estilo de vida de coloração tipicamente barroca, incluíam até mesmo a morte ou o motivo de luto como um ato, ainda que dramático, da sua *feira* contínua e coletiva, um ensejo a mais de afirmação da sua inata disponibilidade lúdica. (p. 169)

Esta “disponibilidade lúdica” no sentido de estabelecer uma carnavalização das relações de poder, tanto temporal quanto espiritual mantidas pela metrópole, funcionará, todavia, não apenas enquanto possibilidade de ruptura da cristalização social, como também como forma de expressão espetacular do vazio existencial da comunidade que aqui se criava, transformando também o desespero causado por aquele “*trágico encontro de raças e povos arrancados de suas origens*” (BARBOZA FILHO, *Op. cit.* p. 15) em alegoria e espetáculo. Para Barbosa Filho, a *feira* barroca que se instaura enquanto constituição formal intrínseca da sociedade brasileira e, sobretudo, mineira, é uma tentativa de reanimar o vazio provocado pela violência da colonização, tanto para os povos dominados quanto para os próprios colonizadores. Sendo assim, nesta conjuntura, para esta sociedade, tudo será

(...) alegoricamente capturado, inclusive e principalmente a dor. O próprio luto é ostentação, é festa paradóxica, e as igrejas se transfiguram em cenários para a simultânea exaltação e humilhação da vida e do transcendente. O artifício é o sinal da civilização barroca, a artificialização da subjetividade, a teatralização de seus dramas, que misturam tanto a procura da ordem quanto a impossibilidade de realizá-la plenamente. Teatralização da vida como estratégia de suspensão e contenção da catástrofe (...). (*Idem*, p. 329)

A mediação ritual na constituição da sociedade em São João del-Rei

As linhas gerais que demarcarão a formação do caráter da comunidade são-joanense explicam-se também como desdobramento das heranças seiscentistas

anteriormente mencionadas. A vida urbana organizar-se-á, portanto, sob o severo jugo da metrópole e sob o primado da religiosidade, neste caso “*com a proliferação e ascendência das irmandades, sob cujos auspícios a vida social adquire maior pluralidade comunitária e diversificação de atividades ou manifestações coletivas*” (ÁVILA, p. 164).

Esta formatação primordial peculiarmente se manterá na cidade de São João del-Rei, onde a congregação católica encontra-se ainda subdividida em *Confrarias* e *Irmandades* diferenciadas hierarquicamente e cuja sucessão interna poderíamos chamar de hereditária. Suas atribuições durante os festejos religiosos, conferidas e/ou conquistadas ao longo de anos, mantêm-se de certa forma inalteradas e seus membros procuram sustentar alguns comportamentos cujos códigos foram definidos, em alguns casos, em meados do século XVIII.

A explicação para a proliferação dessas associações encontra-se, possivelmente, na ausência de conventos e missões na região, o que tornava necessária a existência de instrumentos complementares da ação oficial da Igreja, nas Minas Gerais. Segundo Affonso Ávila,

(...) agrupando em princípio fiéis identificados pelo culto de uma mesma devoção, essas associações extrapolavam na verdade a sua destinação confessional, assumindo, às vezes, no enunciado do próprio estatuto, caráter de representação social classista, corporativa ou racial, com atribuições não só religiosas como assistenciais, mutuárias ou de seguridade funeral. A Irmandade do Santíssimo, de cerrada feição elitista e vinculada sempre às igrejas matrizes, e as Ordens terceiras do Carmo e de São Francisco reservavam-se aos homens brancos e estamentos superiores da sociedade; as Irmandades do Amparo, das Mercês, de São José e a Arquiconfraria do Cordão de São Francisco reuniam geralmente pardos e mulatos livres e homens de ofícios; a Irmandade do Rosário, por sua vez, agremiava os negros escravos, que através dela logravam uma via possível de transferência social. (pp 30-31)

Um dos atrativos da existência de confrarias na sociedade que então se desenhava residia no papel que os seus membros desempenhavam nos rituais, o que “*reforçava o*

sentimento de comunidade e aproximava os seus membros” (BURKE: 1992, p. 120). Esta era também a função das procissões organizadas e realizadas pelos grupos assim formados, durante o dia ou durante a noite, nas quais seus membros, usando vestes paramentais, nas cores de cada associação, carregavam as suas velas ou instrumentos de flagelação. Estas procissões e rituais religiosos, grande parte dos quais se realizava na rua, possibilitava à população, sobretudo àquelas pessoas ligadas a uma associação leiga, desempenhar na vida comunal um papel ativo, em vez de simplesmente assisti-la.

Ainda hoje, as entidades associativas leigas funcionam como fator de aproximação e identidade na comunidade de São João del-Rei. Cada uma das diferentes comemorações religiosas ocorridas na cidade ao longo do ano, portanto, está relacionada em maior ou menor grau a uma destas associações, que, por sua vez, está ligada a uma das diversas igrejas da cidade como, por exemplo, as Irmandades do *Santíssimo Sacramento* e do *Senhor Bom Jesus de Passos*, co-responsáveis pela administração e realização de todos os eventos relativos à Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, ou a *Irmandade do Carmo*, ligada à igreja de Nossa Senhora do Carmo.

A festa barroca hoje: permanência da mediação ritual

O caráter espetacular da vivência religiosa, não se encerrou, portanto, para esta região, nos rituais festivos do século XVIII. Na São João del-Rei do século XXI, os festejos religiosos como a *Folia de Reis*, o *Carnaval*, a *Semana Santa*, a *Páscoa* e a festa de *Corpus Christi*, além de continuarem a ser extremamente populares, mantêm ainda o aparato espetacular que os caracterizou no período colonial.

Ainda hoje, as festas religiosas tomam as ruas, transformando o espaço público em cenário para representação do poder da fé, utilizando, em geral, recursos “teatrais” em suas celebrações que ocorrem durante todo o ano.

No caso específico dos festejos realizados na cidade de São João del-Rei, o que chama a atenção do pesquisador é exatamente o pequeno número de transformações ocorridas nestas representações espetaculares da fé, é sua fidelidade às formas rituais estabelecidas, em alguns casos, no início do processo de colonização da região, rituais estes mantidos por quase toda a comunidade, de fortes tradições católicas.

Se o espetáculo barroco mantém-se vivo em suas representações religiosas festivas, no alvorecer do século XXI, nesta cidade mineira, sua vitalidade comprova o poder do pensamento ideológico ali embutido, assim como seu caráter a-temporal. Nesse caso, pela relevância dada pela própria comunidade aos festejos mencionados, podemos inferir sua importância não apenas religiosa, como histórica.

A observação da permanência da *feira* barroca nesta comunidade, considerados os quase trezentos anos passados desde o início de sua colonização, determina algumas questões a serem discutidas: Se esta colonização aprofunda-se, na região, já no século XVIII, o que explicaria a força com que o pensamento barroco se impôs nas Minas Gerais, forjando o caráter de seus habitantes, sobretudo na região em questão? Ou ainda, a partir desta situação já estabelecida, como se explica que os mesmos rituais ali inseridos pelos colonizadores mantenham-se, com pouquíssimas diferenciações, até época tão diversa quanto o alvorecer do século XXI?

Segundo Mircea Eliade, “*participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal ‘ordinária’ e a reintegração no Tempo mítico reatualizado pela própria festa*” (1992, p. 64), esta recuperação do *Tempo sagrado*, onde tudo o que o tempo

havia manchado se aniquilava, onde os pecados do ano eram redimidos, é exatamente o que buscava o homem barroco dos seiscentos, ainda move o homem moderno e se reatualiza através da mesma linguagem ritual na cidade de São João del-Rei.

O que explica a atração exercida pelo barroco sobre o homem moderno é, sem dúvida, o fato de que inúmeras das tensões e angústias ali identificadas mantiveram-se irresolvidas na sociedade cristã ocidental o que proporciona a observação de diversas semelhanças entre os valores, postos em crise, vivenciados pelos habitantes destes mundos tão distanciados no tempo. Nestas circunstâncias, como afirma Affonso Ávila,

O homem barroco e o do século XX são um único e mesmo homem agônico, perplexo, dilemático, dilacerado entre a consciência de um mundo novo - ontem revelado pelas grandes navegações e as idéias do humanismo, hoje pela conquista do espaço e os avanços da técnica - e as peias de uma estrutura anacrônica que o aliena das novas evidências da realidade - ontem a contra-reforma, a inquisição, o absolutismo, hoje o risco da guerra nuclear, o subdesenvolvimento das nações pobres, o sistema cruel das sociedades altamente industrializadas. Vivendo aguda e angustiosamente sob a órbita do medo, da insegurança, da instabilidade, tanto o artista barroco quanto o moderno exprimem dramaticamente o seu instante social e existencial, fazendo com que a arte também assuma formas agônicas, perplexas, dilemáticas. (p. 26)

Outra das características barrocas vivenciadas pelo homem moderno de modo geral é a presença do espetáculo, da comunicação visual baseada em imagens, formas e cores, sobrepondo-se a qualquer outra forma de comunicação. Esta característica será marcante nos festejos aqui mencionados, em diferenciadas instâncias: Tanto na dramaticidade de cada imagem utilizada, quanto nas diversas formas de expressão empregadas para acentuação do significado dos festejos ali realizados.

Com claras raízes nos *pageants* medievais, são armados, na *Semana Santa* são-joanense, cenários extáticos com cenas da paixão de Cristo, forma de visualização persuasiva e de compreensão imediata. Por outro lado, nas procissões organizadas por cada

uma das irmandades neste período, que ainda guardam as mesmas características dos desfiles ali realizados no século XVIII, “*encontro da religiosidade com algumas representações pagãs herdadas da mitologia clássica*” (SANT’ANNA: 2000, p. 170), com evidentes marcas carnavalizadoras, observa-se, por exemplo, o costume de apresentar com placas escritas cada uma das personagens, bíblicas ou não, a exemplo do que se fazia nas procissões barrocas realizadas na região, descritas por inúmeros documentaristas.

O que se observa, finalmente, na apreciação de algumas das manifestações religiosas realizadas na cidade de São João del Rei é que a presença massiva de pequenos e grandes grupamentos como as Ordens, Irmandades e Confrarias remete-nos, sem grande dificuldade, às Irmandades cavaleirescas e religiosas originárias da Alta Idade Média. Em alguns dos eventos realizados no período anterior à Semana Santa, o participante-observador, certamente, sente-se transportado a um mundo no qual a força dos dogmas e ritos católicos fazia parte dos alicerces de toda uma sociedade, mundo este que vem a ser reafirmado pela ideologia barroca, transplantada para o solo americano através dos colonizadores ibéricos.

Esta reatualização contemporânea dos ritos, além de reafirmar o conceito do Tempo sagrado “*circular, reversível, recuperável*”, de Eliade, traz à tona a sobrevivência, na cidade, de um viver em comunidade que já se tornou pretérito em diversas outras regiões do país e demonstra as similitudes do homem passado e presente, ambos envolvidos na mesma perplexidade existencial, ambos “barrocos” portanto, além de fazer com São João del-Rei se nos ofereça à visão como uma versão moderna do paradoxo barroco, onde o sagrado e o profano, a modernidade e a tradição, o temporal e o espiritual esbarram-se e imbricam-se constantemente, onde a religiosidade espetacularizada funciona ainda como

mediação alegórica entre o sentimento de ruptura e o humano desejo de compreensão do mundo, que lhe é constantemente interdito.

Bibliografia de Apoio:

- ALVES, Rubem A. “A Volta do Sagrado: os caminhos da Sociologia da Religião no Brasil”. In: *Religião e Sociedade*; n. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- ARAÚJO, Emanuel. *O Teatro dos Vícios: Transgressão e transigência na sociedade urbana colonial*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1993.
- ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo*; trad.: Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ÁVILA, Affonso. *O lúdico e as projeções do mundo barroco I - uma linguagem: a dos cortes, uma consciência: a dos lucas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1994. - Coleção Debates.
- _____. *O lúdico e as projeções do mundo barroco II: áurea idade da áurea terra*. São Paulo: Perspectiva, 1994. - Coleção Debates.
- BARBOZA FILHO, Rubem. *Tradição e Artifício: iberismo e barroco na formação americana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000 - Coleção origem.
- BENJAMIM, Walter. “Crítica da Violência: Crítica do Poder”. In: *Religião e Sociedade*; n. 15/1. Rio de Janeiro: Centro de Estudos da Religião(CER)/Instituto de Estudos da Religião (ISER), 1990.

- BURKE, Peter. *O Mundo como Teatro: estudos de antropologia histórica*. Trad. Vanda Maria Anastácio. Lisboa: DIFEL, 1992 - Coleção Memória e Sociedade.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL / Bertrand Brasil, 1990.
- COHEN, Renato. *Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1989.
- DUARTE, Regina Horta. *Noites Circenses: Espetáculos de Circo e Teatro em Minas Gerais no século XIX*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1995.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: A essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.
- HATZENFELD, Helmut. *Estudos sobre o Barroco*; trad.: Célia Berrettini. São Paulo: Ed. Perspectiva / Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.
- MOTT, Luiz. “Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu”. In: *História da vida privada no Brasil - Tomo I: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. Org. Laura de Mello e Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- PRADO, Décio de Almeida. “Entreato Hispânico e Itálico”. In: *Teatro de Anchieta a Alencar*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Barroco: do quadrado à elipse*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2000.
- SENNETT, Richard. *O Declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Trad. Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.
- TINHORÃO, José Ramos. *As Festas no Brasil Colonial*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- VIRMAUX, Alain. *Artaud e o teatro*; trad.: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Perspectiva/Sec. da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.